

POSIÇÕES SUBJETIVAS DE ADOLESCENTES NEGROS REFERIDAS À NEGRITUDE

Aluno: Anilton José dos Santos*
Orientador: Pedro Lúcio Duarte de Paula**

RESUMO

Quais as posições subjetivas de adolescentes negros, de um bairro periférico de Sete Lagoas/MG, referidas à negritude? É esta a pergunta que sustenta a produção deste artigo, que se justifica considerando a possibilidade de sua escritura oferecer aportes teóricos ao debate técnico-científico sobre os adolescentes, com recorte racial, bem como para a invenção ou melhoramento das intervenções da área psi com estes indivíduos, afora contribuir para fazer vacilar posições instituídas e escamoteadoras de história e subjetividade. Intenciona-se, com este artigo, expor e discutir posições subjetivas, de um grupo de adolescentes negros, referidas à negritude. Para tanto, realizou-se entrevistas individuais e coletivas e observação participante, com 12 adolescentes de 13 a 17 anos de idade, de ambos os sexos. Operou-se com os dados coletados por meio da análise do discurso, formulada por Orlandi, delimitando algumas marcas discursivas e trazendo à frente os sentidos e as proveniências que carregam, discutidas com aportes teóricos de Michel Foucault, Jacques Lacan e Frantz Fanon, no que concerne ao pensamento destes autores acerca da emergência do sujeito, enlaçados a estudos contemporâneos sobre o sujeito da negritude. Infere-se que os resultados apontam para posicionamentos dos adolescentes negros pesquisados, nos quais, a negritude é percebida e experimentada ora, como empecilho, produzindo autodepreciação e profecias de autfracasso, ora, como potência, fazendo recurso à inclusão e trânsito no contexto político e cultural.

Palavras-chave: Posições subjetivas. Negritude. Adolescentes.

ABSTRACT

What are the subjective positions of black teenagers, from a peripheral neighborhood in Sete Lagoas / MG, regarding to black identity? This question sustains the writing of this article, which is justified considering the possibility of its writing offer theoretical contributions to the technical-scientific debate, with a racial perspective about the teenagers, as well as for the invention or improvement of interventions of the psi area with these individuals, besides contributing to hesitate instituted and reclusive positions of history and subjectivity. It is intended with this article to expose and discuss subjective positions of a group of black teenagers about black identity, considering that this work builds some additional knowledge more supported by the scientific rubric and contributes to hesitate instituted and reclusive positions of history and subjectivity. Therefore, surveys were made, individually and collectively, with participant observation, with 12 teenagers aged between 13 and 17 years old, of both genders. The collected data was submitted to the speech analysis, delimiting some discursive marks and bringing forward the senses and provenances that they carry, discussed with theoretical contributions by Michel Foucault, Jacques Lacan and Frantz Fanon, in what concerns these authors' thoughts about the emergence of the subject, linked to contemporary studies on the subject of black identity. It is inferred that the results express the positions of the black teenagers who were surveyed, in which blackness is perceived and experienced, sometimes as embarrassment, producing self-deprecation and prophecies of self-failure, sometimes as power, making use of inclusion and transit in the political and cultural context.

Keywords: Subjective positions. Blackness. Teenagers.

*Bacharelando em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida.
E-mail: aniltonsete@yahoo.com.br

**Bacharel em Psicologia e Especialista em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais.
E-mail: pedrolucioduarte@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A produção teórica da psicologia brasileira, acerca da questão étnico-racial, pode ser resumida em três momentos, a saber: o primeiro se reporta ao final do século XIX e caracterizou-se como biológico-causal, buscando nas características psicológicas dos negros alguma vinculação à biologia; o segundo, datado de 1930-1950 se qualificou como culturalista, optando por pensar a diferença enquanto uma construção histórica e social; já o terceiro, de 1990 em diante nomeou-se como relacional e se ocupou de investigar os processos intersubjetivos dos sujeitos, com recorte racial (SANTOS; SCHUCMAN; MARTINS, 2012). Este trabalho considera que cada uma dessas perspectivas contribuiu, em algum grau, para a construção de uma zona de sentido e para a desconstrução de essencialismos quanto ao sujeito negro.

A pergunta que circunscreveu esta pesquisa se apresentou como: Quais as posições subjetivas de adolescentes negros referidas à negritude? Tendo como pressupostos que o modo como os adolescentes negros organizam suas experiências subjetivas e intersubjetivas, com seu grupo de pertencimento étnico-racial, produz cognições e afetos que repercutem em seus processos de subjetivação e relações sociais, bem como, que as posições dos adolescentes sujeitos da pesquisa estão imbricadas com suas capacidades de deslocamentos, críticos e criativos, frente ao investimento do sistema e da negritude, enquanto dispositivos que engendram processos de subjetivação (SOUZA, 1983; GUATTARI, 2012).

Intenciona-se com este trabalho, circunscrevendo aqui seu objetivo geral, descrever e discutir, com adolescentes negros, de um bairro de periferia, num município mineiro, posições ocupadas por esses, em relação ao contexto étnico-racial negro, o que exigiu, enquanto objetivos específicos, conhecer e produzir uma amarração possível das noções de sujeito defendidas por Foucault, Lacan e Fanon e implicá-la com a produção contemporânea do saber acerca do sujeito da negritude; escutar os discursos dos sujeitos da pesquisa sobre a negritude e desvelar seus sentidos e proveniências, bem como observar suas práticas cotidianas, suas aproximações e distanciamentos das produções históricas e culturais negras.

Põe-se como justificativa, para esse estudo, a importância quantitativa e qualitativa, de se atentar para esta fase do desenvolvimento humano, uma vez que, no Brasil, os indivíduos que se encontram na adolescência, somam cerca de 21 milhões de pessoas (IBGE, 2016), das quais, mais da metade são negros (pretos e pardos); considera-se, também, as importantes configurações de si, efetivadas neste período do desenvolvimento humano,

com ressonâncias na vida adulta; ainda, a produção de algum saber a mais sobre esses sujeitos, suportado pela rubrica do científico, e a possibilidade de fazer vacilar posições instituídas e escamoteadoras de aspectos históricos, sociais e culturais relacionados ao cenário étnico-racial negro.

Para explicitar as noções que estruturam o enunciado, compreende-se aqui negritude como os modos de circulação, pelo social, que significam alguém, subjetiva e objetivamente, como sendo negro, evidenciando marcas hereditárias e simbólicas, estas, recebidas e resgatadas pelo sujeito, na história e na cultura, e amoldadas a si, representadas por expressões culturais, religiosas, políticas e estéticas negras (PETRUCCELLI; SABÓIA, 2013).

Já adolescente, no âmbito deste artigo, não está posto como indivíduo em período: de confusão de papéis e crise (ERIKSON 1976), crucial e problemático (ABERASTURY; 1980) de síndrome normal da adolescência (ABERASTURY; KNOBEL, 1992), de intensa movimentação intrassubjetiva (ZIMERMAN, 2013), e embora, se considere esses discursos como contribuições datadas para o conhecimento sobre a adolescência, neste trabalho, percebe-se esse sujeito como sociocultural, que num certo momento histórico, se defronta com a convocação para ressignificar seu processo de vinculação cultural, confirmando-o ou fazendo seu rebatimento (SANTOS; SADALAI, 2013). Contribui, também, para significar esse indivíduo, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), que o qualifica como pessoa entre 12 e 18 anos de idade, na vivência de um período de desenvolvimento que requer atenção e apoio.

Contudo, os adolescentes interrogados nesta pesquisa carregam, para além do que é comum a essa faixa etária, o fato de serem negros. Portanto, incluem-se entre aqueles brasileiros que, por laços históricos e fenotípicos, estão inarredavelmente vinculados à ancestralidade negra que, de modo coercitivo, foram levados a emudecerem em si; ao esvaziamento de suas subjetividades e a cederem a outras posições étnicas, alienando-se à vontade de um Outro. Porém, é nesta aderência forçosa, violenta, a um modo de ser marcado pela desculturalização de um momento primordial, que o negro fez dobras para manter algo de si mesmo num sujeito desafricanizado, incontornavelmente, atravessado pelo processo de miscigenação (RIBEIRO, 2015; PINTO, 2012).

Apoia-se a conversa com os dados coletados no campo de pesquisa, na perspectiva dos estudos críticos, alinhando-se, ao pensamento de Michel Foucault, à psicanálise tomada da leitura de Jacques Lacan e aos estudos sobre os processos de descolonialidade com foco nos aspectos culturais e subjetivos, referenciados em Frantz Fanon. Correlaciona-se, a estes

aportes teóricos de base, acerca da emergência do sujeito, formulações contemporâneas, que intencionam dar conta de um possível sujeito da negritude, no enodamento das instâncias intrapsíquica, social e histórica, num entremeio habitado por estrutura e acontecimento. De início, põe-se que o sujeito do conhecimento, apreendido como aquele que sabe do mundo e de si de modo transcendental, não se assemelha ao sujeito teorizado pelos três autores referidos.

O sujeito lacaniano constitui-se a partir de um não saber e de um não dizer sobre si, apenas remediado pelo que o outro diz dele, é um sujeito sem grande concretude, pois constituído pelos significados que lhe atribuem, pelos sentidos que, paulatinamente, vai conferindo a si. Se, desde sempre, uma miragem de sujeito se apresenta no registro do imaginário, nomeada de eu, é somente quando se experimenta a função da fala, que o sujeito surge como efeito do simbólico. Sendo assim, o lugar possível para a emergência do sujeito é na fissura aberta pela intrusão da linguagem no campo subjetivo, permitindo-lhe preencher a fala com dizeres e lidar com os dizeres que outras falas carregam (LACAN, 1998). É um sujeito que se constitui a partir de uma convocação, com registro no inconsciente, para um deslocamento subjetivo, dentro de um contexto social específico, que instaura um processo estruturante de base que definirá as aderências possíveis, que o sujeito fará à história e ao social, assumindo um modo posto de circulação pela cultura, ou inventando um na singularidade (DOR, 1995).

Já Foucault (2005) incita pensar o sujeito como efeito de condições de possibilidade, engendradas na fronteira do que está determinado pela história e pela cultura e o que o indivíduo pode inventar, na crítica ao instituído, aos sentidos que vêm de outro lugar e na engenharia de suas posições de sujeito. Trata-se de fazer funcionar uma dupla preocupação: por um lado, fazer resistência aos processos, sempre atuantes, de normalização da vida e, por outro, dobrar-se sobre si, sem que isso seja tomado como disfunção narcísica, no intento de ocupar-se de si, na correlação com formações discursivas e a incidência de forças que ora se acolhe, ora se rebate, sustentando um modo de ser, no qual, a singularidade não cessa de se haver com a resistência ao governo do Outro.

Em Fanon (2008), encontra-se uma concepção de sujeito que para se constituir, precisa, em princípio, duvidar das marcas que carrega e do que se encontra disponível numa determinada cultura, como sendo uma produção própria. Pois, salienta o autor, que muitas das vezes, de forma consciente e inconsciente, o sujeito assume posicionamentos advindos de estratégias, disfarces, engendramentos subjetivos, produzidos em série, visando demandas políticas e econômicas, que longe de permitirem ao sujeito se movimentar por modos de

subjetivação, o enredam em posições que pouco expressam sua singularidade.

Um percurso possível para alguma transitabilidade da noção de sujeito pela produção teórica desses três referentes seria pensar o campo do sujeito como um campo de efeito, produzido na articulação com saber-poder, significantes, processos de contiguidade, numa relação dialética com o campo do Outro. Assim, essa, não ocorre sem rebatimentos, sem elaboração intradiscursiva. Pois o sujeito não é apenas falado, mas ele também fala. Não uma fala qualquer, mas uma fala que está no discurso, que faz lastro no laço social, que produz crítica, que simboliza, que desaliena, ao menos, em alguma medida (FOUCAULT, 2005; LACAN, 1998; FANON, 2008).

Essa tríade de referentes, também, opera com seus discursos, a destituição subjetiva do sujeito cartesiano-kantiano que pensa pensar por si mesmo, sem interferências vindas de outro lugar e agir por si mesmo, sem incidência de saberes e poderes exteriores a si. Contudo, tanto em Foucault e Lacan como em Fanon, encontra-se, também, respectivamente, a possibilidade de resistência a modos de existir fabricados de antemão; de deslizamentos para um fora das estruturas psíquicas dadas, efetivando uma amarração inédita dos registros de vida; e processos de afirmação pessoal e cultural, com vistas a se contrapor ao que lhe é imposto e reverter o que lhe foi sobreposto. No entanto, todos eles consideram ser da ordem do impossível escapar por inteiro de certas determinações, mas promover uma torção, afrouxar as amarras, isso sim, se cogita.

É este entrecurso, Foucaultiano, Lacaniano e Fanoniano, que anima pensar, o sujeito da negritude, para além das determinações formuladas por movimentos que defendem um ser negro consumidor de *performances* afiliadas a africanidades, muitas vezes, transformadas pelo sistema em dispositivos políticos e manipuladas pelo mercado com interesses capitalísticos (GADEA, 2013). Um sujeito negro capaz de se desvestir, no caso dos indivíduos desta pesquisa, da adolescência institucionalizada, da negritude ideológica, para ser outro, inventado por si mesmo, constituído nos deslocamentos por posições diversas e diversas posições de sujeito.

Infere-se, portanto, que as posições subjetivas se relacionam com a ampla visibilidade da negritude na corporeidade dos adolescentes estudados, e que esta os encurrala numa autenticidade, tomada como potência que vincula, solidariza, ou, às vezes, como empecilho que promove autonegação, autodepreciação (NICODEMOS, 2014). Conclui-se, ainda que provisoriamente, que ser negro é um dado com forte determinação biológica, mas as posições assumidas face à negritude são históricas e sociais, dependentes da memória do dizer, das formações discursivas, das ideologias que circulam e das condições materiais de

existência, referidas a um determinado tempo e espaço.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 MÉTODO E MATERIAIS

Considera-se esta pesquisa, de natureza básica, que objetiva aumentar os conhecimentos sobre a temática, e de tipo qualitativa entendida, por Lakatos e Marconi (2010), como um modo possível de aproximação e de entendimento da realidade, considerada enquanto formações sociais produzidas e produtoras de movimentos subjetivos e intersubjetivos, sempre e incontornavelmente, carregados de significados. Circunscreve-se, também, esta pesquisa numa abordagem descritiva, de campo, com enfoque indutivo, explicada por Gil (2008), como pesquisas que tem como objetivo a descrição de características do objeto investigado; que realiza coleta de dados junto às pessoas, com uso de diferentes recursos; e toma como ponto de partida a visão dos sujeitos da pesquisa, respectivamente.

O campo de pesquisa assume posição relevante na Análise do Discurso, por isso cabe explicitá-lo. Trata-se de uma organização urbana iniciada em 1999, mas, até hoje, sem conclusão das etapas básicas de infraestrutura, como por exemplo, saneamento básico para todos os moradores. Na esteira das grandes periferias das cidades brasileiras, o bairro apresenta índice preocupante de criminalidade, notadamente, o tráfico de drogas, pequenos furtos e assassinatos de jovens. Apresenta também grande número de pessoas desempregadas ou em subempregos. Os espaços culturais e de lazer são poucos.

Para a coleta de dados utilizou-se de entrevistas individuais e coletivas, bem como da observação participante. Individualmente, interrogou-se os sujeitos da pesquisa sobre o objeto pesquisado, e, nas entrevistas coletivas visou-se o aparecimento de contradições e averiguação de particularidades, pois estruturou-se um espaço onde a fala pôde circular, trazendo enunciações e, por vezes, confirmando algo de singular impossível de ser todo recoberto por um sentido comum. Optou-se pelo uso da entrevista aberta, com manejo psicanalítico, permitindo a elaboração de enunciados que delatam práticas discursivas, ou seja, discursos que configuram modos de ser e conviver (ORLANDI, 2009), dos adolescentes entrevistados.

Tomou-se como participantes da pesquisa adolescentes negros, aqui, compreendidos segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -

IBGE, qual seja, o conjunto de pessoas autodeclaradas pretas e pardas; moradores de um bairro de periferia, em Sete Lagoas/MG, sendo, esses, os critérios de inclusão no grupo representativo. Compuseram a amostra ilustrativa 12 adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 13 e 17 anos de idade, com traço fenotípico cor de pele preta ou parda.

O tratamento dos dados coletados foi suportado pela Análise do Discurso, na sua apresentação francesa, que intercambia teorias como o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso, tangenciados pela problemática da subjetividade, de influência psicanalítica (MINAYO, 2013). Pressupõe-se, para isso, a operacionalização de conceitos como formação discursiva, ideologia, sujeito, condições de produção, intra e interdiscurso, capazes de dar conta de desconstruir os significados que circulam, sustentados pelo apagamento dos seus modos de produção, filiados a alguma ideologia que conduz o sujeito à produção e manutenção de diferentes posições diante dos fenômenos. A Análise do Discurso é conduzida na conversa entre, história, ideologia e linguagem. A história se apresenta no percurso histórico e social, a linguagem não é compreendida como algo claro, transparente, mas como indício, vestígio do sentido que o posicionamento do sujeito, tomado enquanto ideologia internalizada, lhe permitiu atribuir à realidade. O sujeito da linguagem não é, aqui, racionalidade pura, totalmente consciente, centrado, mas trespassado pela ideologia, habitado pelo inconsciente (ORLANDI, 2009).

2.2 RESULTADO E DISCUSSÃO

É na territorialidade, supradescrita, que se localizam os adolescentes negros que interessam este trabalho em suas posições no contexto étnico-racial brasileiro contemporâneo, com ênfase para a emergência possível de um sujeito da negritude que, para além da formação discursiva da tradição e dos dispositivos socioculturais e econômicos, que investem no arranjo étnico do indivíduo, consiga dizer de si por si mesmo e das suas afiliações discursivas. É nesta posição de escuta do sujeito falante que se posta a partir deste ponto.

Nos dois primeiros recortes de falas registrados abaixo, se representa em um a questão da estética corporal, evidenciada nas falas não só das meninas, mas também, e com igual frequência, na dos meninos, em todas, tomadas a partir do próprio corpo e localizadas dentre o que, respectivamente, favorece ou desfavorece, o auto e o inter-reconhecimento (BOURDIEU, 2013); e no outro, se representa a ideia de um óbvio entre as características fenotípicas e o que se espera ou induz o sujeito a realizar a partir delas, algo que, nem sempre ocorre, o que de fato se evidencia, em ambas, é a presença de um “mas”, enquanto marca

linguística de torção do esperado, do tido como um dado da obviedade, produzindo uma bifurcação numa certa discursividade que desautoriza a vinculação de beleza a características negróides e vincula cor da pele a determinadas atividades culturais (CARNEIRO; FERREIRA, 2014). Por outro lado, J. promove significantes que dão conta da reprodução do mito da mulher/homem negros hipersexuais, dados a sensualidade, E traz à tona mecanismos de defesa que visam dar conta da angústia diante de um Outro que ela se recusa a ter como espelho. Postando-se numa posição neurótica, persecutória de si. (FANON, 2008).

Sou preta, mas bonita e gostosa (J, feminina, 17 anos).

Sou negra, mas não gosto de nada que os negros gostam: carnaval, hip hop, capoeira, essas coisas (E, feminina, 14 anos).

Outro dado saliente foi o silenciamento de sujeitos da pesquisa, quanto às implicações de ser negro remetendo-os a certa impossibilidade de pensar se a cor da pele promove acesso a privilégios e desprivilégios e à tentativa, talvez inconsciente, de um ocultamento de si mesmo, que no lugar empírico, pode favorecer as relações sociais (BAQUERO, 2012). Ainda, considerando as falas apresentadas no seguimento, é possível abstrair relações, entre situações existenciais ordenadas, majoritariamente, pelo imaginário e que negam, naquelas, a incidência de sentidos que chegam e tomam o sujeito de maneiras diversas (ORLANDI, 2009), inclusive encobrendo, ideologicamente, o recorte racial, da situação socioeconômica do negro brasileiro, passando-se a acreditar que é possível recobrir totalmente a cor da pele, pela distinção provocada pelo dinheiro, que se pressupõe como garantia de trânsito social, sem nenhuma outra exigência. Percebe-se estes sujeitos afetados pela teoria da classe social, na qual, essa categoria seria mais estruturante da sociabilidade do que a categoria étnico-racial. (CARNEIRO, 2011).

Aqui, neste bairro, somos todos pobres, a cor da pele não muda nada. (D, feminina, 16 anos).

Eu acho que a gente só é considerado preto, quando não tem dinheiro, se o cara é rico pode ser preto, amarelo, vermelho, roxo, que ele se dá bem. (C, masculino, 13 anos).

Na busca por contribuição para o desvelamento de sentidos nas formulações de alguns sujeitos pesquisados, recorre-se a Nicodemos (2014), ao apontar, por um lado, a grande visibilidade da cor ofuscando todos os outros atributos dos sujeitos. O que Fanon (2008, p. 94) chamou de “esquema epidérmico” subsumindo na cor da pele os outros aspectos da constituição do sujeito. Importante ainda salientar que, embora, as palavras preto, negro, no saber biológico, estejam postas apenas como designativas de aparência, apresentam grande expansão semântica, usando termos de Citelli (1995), evocando outros significantes como

racismo, discriminação e preconceito. Vistos pela lente psicanalítica, tais relatos, para além de uma constatação acerca de si e das próprias relações intersubjetivas, reclamam de uma falta, de uma vinculação que suporte a cor como uma marca identitária positiva. O desejo de não ser preto, é, desde antes, desejo de estar no desejo do outro (LACAN, 1998).

Se me chamar de preto eu “cobro” mesmo. ”Zoar” comigo só porque sou preto.
(A, masculino, 15 anos).

Tem menino que diz que eu sou bonita, mas ficar comigo não dá porque sou preta.
(L, feminina, 17 anos).

Já Foucault (1984, 2005) contribui para análise dos recortes a seguir, informando que embora incidam sobre o sujeito forças que visam sua sujeição, é sempre possível mudar seus pontos de incidência de forma criativa. Sendo na fronteira do que está dado na história e no social e o que o indivíduo pode inventar no trabalho consigo mesmo, que se vislumbra o aparecimento do sujeito. Para Fanon (2008), ao acolher a negritude não se deve deixar amarrar-se à negrura, inscrever-se por inteiro num significante, pois isso seria da ordem de um excesso, que gera obstáculos a alguma contiguidade possível.

Minha mãe fala que preto não “cresce” [...]. Não acredito nisso. Posso ser o que eu quiser. Se não for é porque não quis (G, masculino, 16 anos).

Eu já fiz aulas de teatro e quero voltar a fazer. Quero ser atriz. É meu sonho. Sou extrovertida, popular, converso com todo mundo (B, feminina, 16 anos).

No intuito de apreendermos a percepção dos adolescentes entrevistados no que tange as manifestações artísticas, culturais com aderência na população negra, problematizamos, também, dois recortes de fala dos adolescentes, considerados representativos do discurso do grupo. A pouca adesão dos adolescentes às atividades em questão, parece se relacionar com o processo de constituição do bairro, ou seja, fluxos migratórios que separam famílias nucleares de famílias extensas, grupos de amigos; afastamento do território de origem, diminuindo a disposição dos mais velhos para a manutenção de tradições, com as quais, os adolescentes pudessem se identificar. Ademais, há de se considerar a grande presença de igrejas no bairro, e certa resistência, percebida nas falas dos adolescentes, a qualquer manifestação de africanidade, por parte dessas organizações eclesiais, que se colocam em suas vidas como espaços, vivências de produção de sentidos e reconfigurações de seus pertencimentos, interferindo na relação deles com culturas dissidentes (PINTO, 2012).

Eu gosto de funk. Tem letra pesada, às vezes, mas ponho o fone no ouvido, só eu escuto. A capoeira eu faço como esporte é bom “pro” corpo (H, masculino, 15anos).

Acho muito vulgar, música, dança, tudo. Além disso, minha igreja não concorda.
(I, feminina, 14 anos).

Diante desses relatos, pergunta-se pelas condições de produção destes dizeres. Que marcas de interdiscurso, circulantes pela cultura, concorrem para essas formulações dos adolescentes pesquisados? De que lugares vêm os significados outros, acerca da negritude, que eles amoldam em si? As respostas apontam para uma memória do dizer referida a: condições materiais de existência desfavoráveis, vínculos religiosos, silêncio institucional (família, escola, mídia, etc.) sobre a questão étnico-racial, profecias de autfracasso e desqualificação narcísica do sujeito negro. Afora isso, os esforços de interrogação centram-se nos modos como, no discurso e prática desses adolescentes, se configura alguma posição de sujeito?

Foucault (2005) adverte de que não é possível um sentido totalmente novo, mas que se pode provocar perturbações e ruídos no estabelecido, abrindo brechas para alguma liberdade, alguma criação e nos fornece uma ferramenta conceitual capaz disso, qual seja, a crítica. Com ela, abre-se uma interação dialógica com os acontecimentos sócio-históricos, seus modos de produção e seus efeitos nos processos de subjetivação dos indivíduos e se atua, ainda que provisoriamente, sem nenhuma possibilidade de fixação, como sujeito.

Na análise dos enunciados dos adolescentes pode-se perceber o atravessamento das ideologias e do inconsciente, através de forças produzidas pela libido e pelas condições sociais e históricas (ORLANDI, 2009), modulando a constituição de posições subjetivas no contexto étnico-racial. No entanto, são neles, também, que se pode identificar algum assenhoramento do próprio discurso, alguma disposição para realização do desejo, ainda que, às vezes, alinhados a ideias do “tudo posso, só depende de mim”, o que revela uma visão ingênua da liberdade de escolhas, que é sempre para escolher dentro de um limite já posto (GIDDENS, 2009).

No que concerne, especificamente, à questão étnico-racial é possível localizar os adolescentes no entre espaço produzido pelo sujeito e o Outro que insiste em significá-lo, o Outro da tradição (capoeira, samba, história, ancestralidade, matrizes africanas) e o Outro do contemporâneo (igrejas, mercado, mídia, movimento negro). É neste jogo de verdades, que os adolescentes negros abordados não se esquivam de participar, que eles vão se postando de maneira sempre flexível, temporária, ora nas dobras da realidade, onde o sujeito se apresenta, ora nas desdobras, onde o sujeito esvanece.

3 CONCLUSÃO

Pontua-se, afinal, que o sujeito se insinua tanto em Foucault como em Lacan e

Fanon. Se no primeiro o sujeito é fluído, inconsistente, provisório, permeável pelo social e pela história, cuja possibilidade de existência depende do modo como circula pela cultura (FOUCAULT, 2005) no segundo, o sujeito é da ordem do inconsciente, desenhado no imaginário e edificado no simbólico, convocado apenas pela falta do objeto que o desejo busca reencontrar. Aqui, desde sempre, o sujeito se apresenta cindido, incompleto, vacilante, só perceptível nos equívocos, identificado ao Outro, submetido à lei, alienado à cultura para poder experimentar algum gozo (LACAN, 1998). Já em Fanon, o sujeito é aquele que fala a partir de um certo estranhamento, de si e da convocação a certa fixidez identitária (FANON, 2013).

Assim, ao pensar o sujeito do entrecruzamento Foucaultiano, Lacaniano e Fanoniano, incidido por saberes e poderes diversos, habitado por um inconsciente que pensa nele e convocado a se haver com a alienação, três perguntas se delineiam: É possível a emergência de um sujeito da negritude? Em sendo isso realizável, que contornos esse sujeito teria? Que posições subjetivas ele sustentaria face à negritude? A ida ao campo, a observação e a escuta, dos adolescentes negros abordados, viabilizou algum entendimento possível.

O lugar mais remoto, primordial da negritude é a corporeidade, é nesta que o sujeito se sente convocado à autenticidade, é ela que manifesta substrato para incidência de forças capitalísticas, ideológicas, inconscientes, que alienam, capturam, circundam o sujeito, e lhe informam substitutos para o seu desejo, modo de ser e de produzir possíveis, posições mais vantajosas diante de si e do mundo. Se antes o rebatimento da negritude, a desqualificação de suas manifestações culturais e estéticas, hoje, o fomento a manter e ampliar as aproximações com o que diz do negro, privatizar seus traços, seus modos, como forma de visibilizar esse sujeito para campanhas de incentivo ao consumo de produtos específicos ou não, para a captura de força política, de afirmação de diferença cultural. Entretanto, não se trata de forças invencíveis, que não se possa rebater, dobrar, torcer (DELEUZE, 1988).

Os adolescentes entrevistados, não se posicionam fora deste jogo, até porque não existe o fora, não há lugar para um total desaparecimento, embora alguns insistam nisso, ignorando as marcas que a negritude funda em si. Não se identifica neles filiação a ancestralidade, mas posições referidas à negritude vividas como um estilo, um gosto pessoal, e não tanto como uma marca identitária, no entremeio de sujeição e resistência, como diz Judith Revel (2005), às vezes, mais na resistência, às vezes, mais na sujeição. Outra posição evidenciada diz de um autoreconhecimento enquanto negros e negras, no entanto, sustentando uma etnicidade fora do sentido que lhe marca tradicionalmente, isto é, sem vinculação

normativa com produções negras. Falam de si, a partir de um outro lugar étnico.

4 REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência normal*. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 92 p.

ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980. 246 p.

BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: Instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, v. 6, n. 1. 2012.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-5269.26722>. Acessado em 11/11/2016

BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. *Novos estudos – CEBRAP* n.96, p. 105-115, jul. 2013. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n96/a08n96.pdf>>

Acessado em 09/11/2016

BRASIL. *Lei n. 8069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Belo Horizonte: Cáritas Brasileira.

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo negro. 2011. 192 p.

CARNEIRO A. N; FERREIRA S. L. Padrões de beleza, raça e classe: Representações e elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador - Bahia. Disponível em: <www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/view/2136/718>. Acessado em: 06/06/2017.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1995. 77 p.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 144p.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 203 p.

ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1976. 323 p.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008. 191 p.

_____. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2013. 376 p.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. 8 ed. São Paulo: Graal, 2005. 246p.

_____. *A história da Sexualidade I: A vontade de Saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 152 p.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal, 1984. 232 p.

GADEA, C. A. O significante “negro” e a pós-africanidade: a diáspora haitiana em Miami. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15, n. 34, p. 220-245, set./dez. 2013.

Disponível em: <www.scielo.br/pdf/soc/v15n34/09.pdf>. Acessado em: 10/11/2016.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 358 p.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 207 p.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012. 192 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA– IBGE. Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação. Disponível em:

https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm Acessado em: 15/12/2016.

LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.

_____. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.

_____. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985. 280 p.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. *Fundamentos da Metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 368 p.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013. 406 p.

MINAYO, M. C. S; MINAYO-GOMÉZ, C. *Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde*. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R.M.G.; GOMES, A.M.H. (Orgs.). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p.117-42.

NICODEMOS, P. A. Adolescentes negros de elite em uma escola de BH-MG, limites e possibilidades para a construção de identidades etnicorraciais. *Educare*. Cascavel, v.9, n. 17, p. 115-126, Jan/jun, 2014.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

PETRUCELLI, J. L; SABÓIA, A. L.(org.). Características étnico-raciais da população: classificação e identidades. *IBGE*, Rio de Janeiro: 2013.

Disponível em: <biblioteca.ibge.gov.br/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=263405> Acessado em: 15/11/2016

PINTO. G. P. Juventude e pentecostalismo. *UFMG/ FAFICH*. Biblioteca Virtual. 2012. Acessado em 28/11/2017.

<<http://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/attachments/article/230/geise%20pinheiro%20pinto.f>>

REVEL, J. *Michel Foucault: Conceitos Essenciais*. São Paulo: Clara Luz, 2005. 96 p.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2015. 368 p.

SANTOS E. G.; SADALAI, M. G. S. Alteridade e Adolescência: uma contribuição da psicanálise para a educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p.555-568, abr./jun. 2013. Disponível em:<http://www.ufrgs.br/edu_realidade>
Acessado em: 15/11/2016.

SACCO, A. M.; COUTO, M. C. P. de P.; KOLLER, S. Revisão Sistemática de Estudos da Psicologia Brasileira sobre Preconceito Racial. *Temas em Psicologia*, v. 24 n.1, p. 233-250. 2016. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/soc/v15n34/09.pdf>. Acessado em: 10/06/2017.

SANTOS, A. O; SCHUCMAN, L. V; MARTINS, H. V. Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais. *Psicologia: ciência e profissão*, n. 32, p. 166-175, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32nspe/v32spec12.pdf>>. Acessado em 15/11/2016.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 88 p.

TERÊNCIO, M.O debate do Édipo à dissolução do sujeito em Foucault e Lacan. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p.9-26, jan/jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/>>. Acessado em 10/12/2016.

TADEI, E. M. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. *Psicologia: ciência e profissão*, v.22, n. 4, p. 2-13, 2002. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000400002>> .
Acessado em: 28/11/2017.

ZIMERMAN, D. E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2013. 464 p.

ANEXO A
FACULDADE CIÊNCIAS DA VIDA - CURSO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Encaminhamos o estudante, **Anilton José dos Santos**, do Curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, para realização de atividades de pesquisa, a fim de desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tem como proposta investigar as posições subjetivas de adolescentes negros referidas à negritude.

O projeto visa compreender aspectos importantes acerca do assunto, com enfoque na relação dos adolescentes pesquisados com a cultura na qual se inserem, com recorte étnico-racial negro. Este trabalho será desenvolvido sob a orientação do Professor Pedro Lúcio Duarte de Paula.

Sete Lagoas, _____ de _____ de 2017.

Valcir Marcílio Farias
Diretor Geral

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título da Pesquisa: Posições subjetivas de adolescentes negros referidas à negritude.

Pesquisador Docente: Professor Pedro Lúcio Duarte de Paula. E-mail: pedrolucioduarte@yahoo.com.br.

Pesquisador Discente: Anilton José dos Santos – (31) 9 95377364 – e-mail: aniltonsete@yahoo.com.br.

Instituição Responsável: Faculdade Ciências da Vida (Centro de Estudos III Millenium Ltda.)

Contatos: a) Professor Pedro Lúcio Duarte de Paula – Faculdade Ciências da Vida. Endereço: Av. Prefeito Alberto Moura, 12632, Bairro das Indústrias, CEP 35.702-383. Sete Lagoas, Minas Gerais. Contato: (31) 3776.5150

Prezado (a) Participante,

O Professor Pedro Lúcio Duarte de Paula (pesquisador responsável) e o graduando Anilton José dos Santos (pesquisador auxiliar), vinculadas ao curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, estão conduzindo uma pesquisa intitulada “Posições subjetivas de adolescentes negros referidas à negritude”. A mesma tem por objetivo principal investigar posições subjetivas, de um grupo de adolescentes negros, referidas à negritude. Para a condução dessa pesquisa será necessário a realização de entrevistas individuais e coletivas. Dessa forma, gostaríamos de convidá-lo a participar, voluntariamente, da pesquisa participando das mencionadas atividades.

Cabe destacar que a participação na pesquisa não oferece riscos físicos ou psicológicos. Os responsáveis pela pesquisa garantem o anonimato das informações e dados de todos os participantes. Também está garantida sua liberdade, sem restrições, de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resultem quaisquer tipos de consequências. Os resultados gerais do estudo serão publicados em artigos e eventos científicos. Contudo, em nenhuma hipótese, os participantes serão identificados por seus nomes ou quaisquer outros tipos de informações que quebrem esse sigilo. Todos os produtos gerados por sua participação ficarão armazenados na Faculdade Ciências da Vida por um período mínimo de 02 anos, sob inteira responsabilidade do professor responsável por essa pesquisa (Professor Pedro Lúcio Duarte de Paula). Informamos também que a sua participação, caso concorde com ela, tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração.

Eu, _____ (nome do participante), declaro ter COMPREENDIDO as informações prestadas neste Termo, DECIDO me dispor a ser entrevistado e AUTORIZO sua utilização do material coletado na pesquisa intitulada “Posições subjetivas de adolescentes negros referidas à negritude”.

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em 2 (duas) vias.

Participante

Pesquisador Responsável

Pesquisador Auxiliar

Sete Lagoas/MG, _____ de _____ de 2017.

ANEXO C

FACULDADE CIÊNCIAS DA VIDA

PESQUISA: POSIÇÕES SUBJETIVAS DE ADOLESCENTES NEGROS REFERIDAS À NEGRITUDE.

ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

“Gostaria que você falasse o que vier à cabeça sobre que eu for dizendo.”

NEGRO, CULTURA NEGRA, SER NEGRO.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COLETIVA

“Gostaria que vocês falassem o que vier à cabeça sobre as palavras que eu for dizendo.”

BELEZA, MÚSICA, RELIGIÃO, FUNK, CAPOEIRA, NEGRO, MULATA, COTAS,
ANCESTRAIS, SAMBA.